

## O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ: UMA ANÁLISE SOBRE A VIGILÂNCIA, CONTROLE E SOCIEDADE DISCIPLINAR EM 1984

Vitória da Costa e Brito<sup>1</sup>  
Olívia Candeia Lima Rocha<sup>2</sup>

### Resumo:

Este artigo analisa a vigilância na sociedade fictícia de *Oceania*, na obra *1984*, publicado em 1949, por George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair. O autor nasceu em Bengala na Índia Britânica em 1903, foi ensaísta e jornalista e publicou dentre outras obras, *A Revolução dos Bichos* (1945). Esse estudo possui caráter bibliográfico, dentre os referenciais teóricos utilizados destaca-se, autores como Michael Foucault, Hannah Arendt e Wilhelm Reich. Hannah Arendt nos fornece uma importante contribuição para analisar as formas políticas de caráter totalitário. A partir dos escritos de Michael Foucault é possível refletir sobre as relações que envolvem a vigilância panóptica, as instituições e as possibilidades de transgressão. Wilhelm Reich realizou um debate fundamental no que concerne à psicologia das massas e a repressão sexual, aspectos que são representados como estratégias disciplinares utilizados pelo Partido, na obra *1984*, como mecanismos de controle social e político. Considera-se que George Orwell realiza uma crítica aos regimes autoritários do século XX, por meio de uma representação literária através da obra *1984*.

**Palavras-chave:** Vigilância. Control. George Orwell. 1984.

## BIG BROTHER IS WATCHING YOU: AN ANALYSIS OF SURVEILLANCE, CONTROL AND DISCIPLINARY SOCIETY IN 1984

### Abstract:

This article analyzes surveillance in the fictional society of *Oceania*, in the book *1984*, published in 1949, by George Orwell, pseudonym of Eric Arthur Blair. The author was born in Bengal in the British India in 1903, he was an essayist and journalist and published, among other works, *A Revolução dos Bichos* (1945). This study has a

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Federal do Piauí, no Campus Senador Helvidio Nunes de Barros, Picos-PI.

<sup>2</sup> Professora do Curso de História da Universidade Federal do Piauí, no Campus Senador Helvidio Nunes de Barros, Picos-PI.

bibliographic character, among the theoretical references authors such as Michael Foucault, Hannah Arendt and Wilhelm Reich. Hannah Arendt provides us with an important contribution to analyze the political forms of character totalitarian. From the reflections of Michael Foucault it is possible to reflect on the relationships that they involve panoptic surveillance, institutions and possibilities of transgression. Wilhelm Reich performs a fundamental debate concerning mass psychology and repression. sexuality, aspects that are represented as disciplinary strategies used by the Party, in work 1984, as mechanisms of social and political control. George Orwell is considered criticizes the authoritarian regimes of the 20th century, through a representation literature through the work 1984.

**Keywords:** Surveillance. Control. George Orwell. 1984.

## INTRODUÇÃO

Este artigo analisa a fonte literária, *1984*, obra do escritor britânico George Orwell. O autor britânico traz em *1984* uma representação do sistema totalitário, utilizando ferramentas como a ironia, para fazer esse paralelo com o regime totalitário. Ao longo do livro esse sistema é minuciado e pode-se perceber as várias facetas do totalitarismo dentro da sociedade descrita por George Orwell.

O objetivo geral do presente artigo é fazer uma análise da representação da vigilância do controle e da sociedade disciplinar no livro *1984* de George Orwell. Objetiva-se ainda compreender a vigilância como instrumento de controle e poder, exercidos por quem comanda a sociedade, representados por George Orwell no livro pelo *Partido*, sob os cidadãos da localidade fictícia de *Oceania*. Na obra, o mundo está dividido em três continentes: *Oceania*, *Lestásia* e *Eurásia*. Todos estão em guerra entre eles, sem nenhum motivo aparente.

O artigo está dividido em três tópicos, o primeiro está intitulado: “Vigilância, controle e sociedade disciplinar”, que aborda a vigilância constante como instrumento de poder do Partido proporcionando um controle e disciplina dos cidadãos da sociedade totalitária de *Oceania*. O segundo tópico “A esperança está nos proletas” analisa como o protagonista Winston Smith enxergava no “proletas” enquanto força política e social de *Oceania*. O terceiro tópico, “Transgressões e punições”, pondera sobre as transgressões realizadas dentro do sistema totalitário e

suas consequências, não apenas realizadas pelo personagem Smith, considerando o ambiente opressor, e as punições ocorridas no interior do sistema retratado na obra.

Em síntese, *1984* acompanha o cotidiano de Winston Smith, um morador da cidade Londres, situada no continente de *Oceania*. Smith e os demais moradores de Londres são vigiados incessantemente pelas câmeras espalhadas pelas ruas, casas e locais de trabalhos. A sensação de estar sendo vigiado era constante, acompanhando os moradores desde a hora que acordavam até o momento de dormir.

A história toma um rumo diferente quando dentro desse mundo de intensa vigilância e, uma nula privacidade ou liberdade, Smith começa um caso amoroso com uma parceira de trabalho, Júlia. Isso era terminantemente proibido, pois os relacionamentos só poderiam acontecer com a permissão do *Partido*, em um casamento com os membros escolhidos pelo próprio *Partido*. Esses casamentos tinham por finalidade apenas a concepção de filhos. Nesse sentido, Smith e Júlia entram em uma aventura, sonhando com uma liberdade que outrora existiu.

Dentro do totalitarismo a vigilância é um fator de suma importância, pois implica no controle dos membros da sociedade. Ademais, o *Partido* é a única entidade política e rege toda a sociedade de *Oceania*, tendo como representação a figura do *Grande Irmão*. Ele que exterioriza medo e força através de uma vigilância incessante das pessoas, obtendo um inflexível controle sobre todos.

Diante dessa situação, Vicente<sup>3</sup> vai apontar para a extinção de qualquer resquício de diversidade, onde pessoas que reflitam não devem existir e todos precisam pensar de forma comum. A obra retrata a configuração de um regime político totalitário, no qual busca suprimir entre seus membros manifestações de liberdade individual.

O referencial bibliográfico que auxilia esta análise é composto por estudos sobre as temáticas do totalitarismo e vigilância. Destacando-se dentre os

---

<sup>3</sup> VICENTE, José João Neves Barbosa. As ideias políticas de Rousseau e o totalitarismo. **Contextura**, Belo Horizonte, número 15, p. 39-46. 2020.

referenciais teóricos, autores como Hannah Arendt<sup>4</sup>, Michael Foucault<sup>5</sup>, Wilhelm Reich<sup>6</sup> dentre outros.

Na obra *1984*, George Orwell deixa perceptível o controle em que os cidadãos naquela sociedade imaginária viviam. A proporção da influência, o poder e medo das pessoas em relação ao *Grande Irmão*. No início da obra, o personagem Smith está caminhando na rua e repara nos vários cartazes com o rosto do grande líder estampado, como um aviso para lembrar que o *Grande Irmão* está de olho em todos.

É inviável que um homem sozinho vigie todas as pessoas, mas havia câmeras pelas ruas, a presença das *teletelas* nas casas, funcionando como câmeras de vigilância, para saber o que as pessoas falavam e faziam no trabalho, nas ruas ou em suas casas. A propaganda lembrando incessantemente aos cidadãos daquela situação; permitindo um ambiente inflexível, de constante medo e insegurança. Sobre o instrumento aliado do *Partido* para a sagaz observação, as *teletelas*, Smith admite a dúvida e o medo:

Claro, não havia como saber se você estava sendo observado num momento específico. Tentar adivinhar o sistema utilizado pela Polícia das Ideias para conectar-se a cada aparelho individual ou a frequência com que o fazia não passava de especulação (...) você era obrigado a viver — e vivia, em decorrência do hábito transformado em instinto — acreditando que todo som que fizesse seria ouvido e, se a escuridão não fosse completa, todo movimento examinado meticulosamente.<sup>7</sup>

Dessa forma, a figura do *Grande Irmão* exercia grande poder de controle e vigilância sobre os cidadãos de *Oceania*. Mantendo os cidadãos fora do alcance de qualquer revolta ou revolução, proporcionando uma sociedade disciplinar na qual

---

<sup>4</sup> ARENDT, Hannah, 1906-1975. **Origens do totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

<sup>6</sup> REICH, Wilhelm. **A psicologia de massa do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

<sup>7</sup> ORWELL, George. **1984**. Tradução Alexandre Hubner, Heloísa Jahn; posfácios Erich Fromm, Bem Pimlott, Thomas Pynchon. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

articulavam-se controle e autovigilância, exercida pelos próprios indivíduos. A possibilidade de ser visto a qualquer momento proporcionava a ideia de ordem no sistema.

Além disso, obter o controle das pessoas através da vigilância e disciplina implicava no controle de revoltas e de uma possível revolução contra o sistema. Ademais, outro fator importante a ser quebrado para dificultar as revoltas dos cidadãos é a desconfiança das pessoas umas das outras, entre membros das famílias, amigos, colegas de trabalho.

Desse modo, confiança era algo quase inexistente, pois um poderia denunciar o outro facilmente. Não necessariamente por algo grandioso, mas por desconfiança. Visto que, as pessoas eram incentivadas a denunciarem umas às outras, até mesmo as crianças eram incentivadas a denunciar qualquer membro da família ao *Partido*. Quando um indivíduo não confia no outro, dificilmente irão se unir em busca de uma revolta, pois não há confiança. Não há garantia de que o outro não seja um espião ou espiã do *Partido* em busca de traidores para denunciar.

Michael Foucault<sup>8</sup> discorre em *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*, sobre as práticas punitivas utilizadas e seu desenvolvimento ao longo dos séculos até chegar ao sistema carcerário atual. Ademais, Foucault<sup>9</sup> também aborda sobre “sociedade disciplinar” referindo-se a sociedade do século XVIII, período onde foram surgindo e se desenvolvendo novos métodos disciplinares que se disseminaram por diversas instituições sociais, como hospitais, asilos, escolas, fábricas e prisões. Nesse contexto, a disciplina surgiu como meio para conseguir o controle sobre o indivíduo, como uma forma de disciplina:

O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido,

<sup>8</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

<sup>9</sup> Idem, p. 175.

separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes.<sup>10</sup>

A partir do século XVIII, as prisões se tornaram o método mais comum de punição. Atuando na coerção dos indivíduos, através do encarceramento em locais fechados, fundamentado em relações de hierarquia e, é claro, sob vigilância constante. De acordo com Foucault<sup>11</sup>, a disciplina possibilita o controle sob o corpo, sob as ações do indivíduo. A disciplina faz-se presente sendo o centro do sistema, em prol da submissão e produção dos corpos dos indivíduos. Dentro do cárcere, os detentos possuem regras e horários para realização ações, desde fazer as refeições, trabalhar, acordar, dormir, com suas liberdades restringidas.

Foucault<sup>12</sup> analisa o modelo *panóptico*, proposto por Jeremy Bentham, como uma nova forma mais eficaz de exercer a vigilância sobre os indivíduos. Seria um modelo de prisão onde a percepção de visibilidade incessante passa a requisitar do indivíduo uma constante sensação de vigilância. Não permitindo que o observado possuísse contato com o observador, nem com pessoas na mesma situação que ele:

Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções — trancar, privar de luz e esconder — só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas.<sup>13</sup>

De acordo com a descrição do autor, o *panóptico* apresenta uma estrutura ideal para a vigilância constante de quem está preso, sob a visão privilegiada do observador, onde “a visibilidade é uma armadilha”<sup>14</sup>. Com os prisioneiros isolados

<sup>10</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

<sup>11</sup> Ibidem

<sup>12</sup> Ibidem.

<sup>13</sup> Ibidem, p.223-224.

<sup>14</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 224.

uns dos outros, mas sendo vigiados constantemente, impede-se que massas se formem e aglomerem-se, impedindo qualquer conversa, findando qualquer possível rebelião. Ainda de acordo com o trecho supracitado, é notória a visão de Foucault<sup>15</sup> sobre o controle exercido através da vigilância e como os observadores estão resguardados, enquanto os observados à mercê da sentinela de outros.

Na obra do George Orwell a organização social de *Oceania* se assemelha a uma versão do *panóptico* de Foucault<sup>16</sup>. Não se restringe na atuação de apenas um corpo social, como a prisão, mas a toda estrutura da sociedade. Os cidadãos estão sempre sob o olhar vigilante do *Grande Irmão*, pois no livro, a descrição deixa claro que desde as escolas, prisões, residências, locais de trabalho, ruas, a vigilância é constante e a disciplina faz-se presente.

George Orwell permite ao leitor de *1984* a sensação de imersão naquela vigilância, que por alguns momentos, sente como é estar dentro daquela Londres. Na fictícia, *Oceania* a disciplina está presente na rotina dos cidadãos, através de práticas prescritas e sistematizadas, desde o horário de acordar, até a realização de exercícios físicos, durante os quais, as pessoas eram vigiadas e corrigidas pelos instrutores através da *teletela*.

Foucault<sup>17</sup> também aborda também a questão do suplício, que seriam castigos físicos, como forma de punição para os crimes. Essa prática punitiva foi frequentemente utilizada entre os séculos XVI e XVIII, tinha como objetivo infligir dor e sofrimento aos condenados, através de diversas formas de tortura. Na obra, *1984*, o protagonista, Winston Smith, é detido e levado, ironicamente, para o *Ministério do Amor*, onde é torturado psicologicamente e fisicamente por um membro do alto escalão do *Partido*, *O' Brian*. Smith depositou confiança em *O' Brian*, supondo que este compartilhava do mesmo pensamento revolucionário. *O' Brian* se dizia membro da *Confraria*, força contrária ao regime do *Partido*.

*O' Brian* informa a Smith e Julia, sobre a organização liderada por *Emmanuel Goldstein*, opositor do *Grande Irmão*, convocando-os como membros e

---

<sup>15</sup> Ibidem.

<sup>16</sup> Ibidem.

<sup>17</sup> Ibidem.

entregando-lhes uma cópia do livro de *Goldstein*, uma espécie de manual. Porém, O' *Brian* era membro do Partido e tudo não passava de uma armadilha para pegá-los. Smith e Júlia são separados e sob tortura no *Ministério do Amor*, traem um ao outro.

Smith foi acusado de conspirar contra o regime. Sob tortura ratificou crimes e conspirações, que lhe eram atribuídas pelo torturador, os quais, sequer tinham ocorrido. Smith confessava essas acusações com a finalidade de que os suplícios fossem interrompidos. Foucault<sup>18</sup> observa que muitos torturados confirmavam crimes que lhes eram imputados pelos torturadores, mesmo que não lhe coubesse à autoria da ação criminosa, com a mesma finalidade de livrar-se do sofrimento. Verifica-se assim, que a obra de George Orwell recorre a verossimilhança entre ficção e práticas de tortura verificadas em realidades históricas, como forma de crítica política aos regimes totalitários.

## 2 A esperança está no proletas

Em *Oceania*, os indivíduos estão divididos em três classes: o *Partido* interno, *Partido* externo e os proletários, também chamados de *proletas*. Os *proletas* não eram considerados cidadãos como os demais. Os mesmos não eram vistos como pertencentes na sociedade, não tinham *teletelas* instaladas em suas casas, pois, para o *Partido* pouco importavam o que faziam. Os *proletas* viviam em uma condição de vida inferior aos membros do *Partido*, mas viviam mais afastados do centro da cidade, de forma amontoada e desorganizada.

Segundo Smith, apenas os *proletas* podiam derrubar o *Partido*, pois dificilmente uma revolução aconteceria de dentro para fora do *Partido*. Os *proletas* representavam cerca de oitenta e cinco por cento dos moradores de *Oceania*. O que para Smith essa massa populacional seria suficiente para realizar uma derrubada do regime. Contudo, era necessária dos *proletas* a aquisição de consciência de sua força para depois a ação. Sobre a esperança de uma revolução, Smith reflete:

---

<sup>18</sup>FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.



Se é que há esperança, a esperança só podia estar no proletas, porque só ali, naquelas massas desatendidas, naquele enxame de gente, oitenta e cinco por cento da população de Oceania, havia possibilidade de que se gerasse a força capaz de destruir o Partido<sup>19</sup>.

Nesse contexto, faz-se possível o diálogo com o pensamento de Marx e Engels<sup>20</sup> sobre o proletariado. Os proletários para os autores são homens explorados pela classe burguesa, são a classe operária. Ainda na visão dos autores, a classe operária era capaz de produzir um outro futuro, pois ela continha a força motriz para modificar as relações de exploração. Paralelo ao pensamento de Marx e Engels, Orwell trás em *1984* essa representação da força motriz dos *proletas*, como único segmento social capaz de alterar o sistema totalitário de *Oceania*.

“Naquelas massas desatendidas” como Smith pontua sobre os proletas, se houvessem uma união entre eles, pois eram a maioria em Oceania, seria possível levar adiante uma revolução. Marx e Engels finalizam o livro *O Manifesto do Partido Comunista* com uma frase que facilmente caberia nos pensamentos esperançosos de Smith, “proletários de todos os países, uni-vos!”<sup>21</sup>

“O *Partido* se vangloriava de ter libertado os proletas da escravidão. Antes da Revolução eles eram oprimidos de maneira revoltante pelos capitalistas”<sup>22</sup>. Além disso, os *proletas* eram oprimidos e obrigados a trabalharem em situações degradantes pelos capitalistas, crianças forçadas a trabalharem desde muito novas em indústrias. Contudo, como retratado na obra os *proletas* continuavam em situação semelhante, submetidos a condições de trabalho que pouco se diferem de outrora com os capitalistas.

Nesse sentido, de forma contraditória, “fiel aos princípios do *duplipensamento*, o *Partido* ensinava que os proletas eram inferiores naturais que deviam ser mantidos dominados, como os animais, mediante a aplicação de umas poucas regras

<sup>19</sup> ORWELL, George. **1984**. Tradução Alexandre Hubner, Heloísa Jahn; posfácios Erich Fromm, Bem Pimlott, Thomas Pynchon. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 88.

<sup>20</sup> MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p.66.

<sup>22</sup> ORWELL, George. **1984**. Tradução Alexandre Hubner, Heloísa Jahn; posfácios Erich Fromm, Bem Pimlott, Thomas Pynchon. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 90.

simples”<sup>23</sup>. Os *proletas* eram subjugados pelo *Partido*, a maioria dos *proletas* não possuía sequer *teletelas* em suas casas tinham. Também, eram fáceis de serem controlados, como explica no trecho abaixo:

Não era difícil mantê-los sob controle. Alguns representantes da Polícia das Ideias circulavam entre eles, espalhando boatos falsos e identificando e eliminando os raros indivíduos considerados capazes de vir a ser perigosos; mas não era feita nenhuma tentativa no sentido de doutrina-los com a ideologia do Partido. Não era desejável que os *proletas* tivessem ideias políticas sólidas. Deles só se exigia um patriotismo primitivo, que podia ser invocado sempre que fosse necessário fazê-los aceitar horários mais longos ou rações mais reduzidas.<sup>24</sup>

Para o *Partido*, apesar dos *proletas* serem a maioria em *Oceania*, não significava uma ameaça ao regime, pois não tinha nenhum tipo de instrução, educação. Não eram organizados o suficiente para realizarem uma revolução e derrubar o governo. Embora fossem insignificantes para o *Partido*, havia uma única preocupação com relação a esse grupo: conservar o mesmo estágio intelectual. A falta de informação dos *proletas* era positiva para *Partido*.

Por isso, o *Partido* se preocupava em vigiar e controlar as pessoas membros do Partido, porque tinham acesso a alguma educação e ideias políticas, mesmo voltadas às ideias do regime. Quando os *proletas* se mostravam insatisfeitos em decorrência a algumas coisas, “a insatisfação não levava a lugar nenhum, porque, desprovidos de ideias gerais como eram, só conseguiam fixar-se em queixas específicas e menores”.<sup>25</sup>

Percebe-se que o *Partido* não permite e contribui para que os *proletas* não possuam nenhum tipo de contato com ideias políticas ou educação, porque de fato, se obtivessem algum tipo educação poderiam contestar as regras e ideias impostas pelo *Partido*. Conhecimento significa poder e o *Partido* sabia disso. Como sendo a maior parte na sociedade, se cogitassem uma revolução, o *Partido* dificilmente seria capaz de pará-los. Smith estava ciente e torcia para um dia os *proletas* se

---

<sup>23</sup> Ibidem, p.90.

<sup>24</sup> Idem, p. 91.

<sup>25</sup> Idem, p.91.

revoltarem, mesmo que essa ideia fosse longínqua. Como cita no trecho que se segue:

Os proletas, porém, se de algum modo acontecesse o milagre de que se conscientizassem da força que possuíam, não teriam necessidade de conspirar. Bastava que se sublevassem e se sacudissem, como um cavalo se sacode para expulsar as moscas. Se quisessem, podiam acabar com o Partido na manhã seguinte. Mais cedo ou mais tarde eles teriam a ideia de acabar com o Partido, não teriam?.<sup>26</sup>

Smith mantém uma esperança, por assim dizer, dentro daquela situação. Não por menos nomeia uma possível rebelião dos proletas de “milagre”. Dificilmente para não dizer impossível, os *proletas* iriam se rebelar, mas Smith mantém essa utopia dentro da própria distopia em que vive. Fazendo com que o leitor da obra, ainda que por pouco tempo, compartilhe dessa utopia de Smith.

Aliado a isso, é pertinente discutir o conceito de poder para Foucault<sup>27</sup>. Rompendo com a visão tradicional que se tem, o poder para ele não pode ser encontrado e visto em alguma instituição estatal, não é um monopólio. Poder para Foucault é como uma rede de relações, onde todos os envolvidos nela exercem poder, atuando como geradores ou receptores de poder nessa relação. Ou seja, não é uma coisa em inercia, mas em constante movimento.

Segundo Foucault<sup>28</sup> o poder é algo que se exerce, portanto, um exercício. Não é aquilo que se pode ter, mas é exercido dentro de uma relação social. Como uma rede que conecta os laços, em que ninguém estaria fora das relações de poder e o mesmo deve ser analisada como uma reação em cadeia. Também, ninguém detém completamente o poder todo o tempo.

Ademais, a polícia não se mostrava muito interessada pelo que os *proletas* faziam. A criminalidade, prostituição, traficantes, a promiscuidade, eram comuns nas ruas de Londres. Contudo, ocorriam apenas entre os *proletas*, então não fazia diferença para a polícia. Estavam abaixo de qualquer suspeita.

<sup>26</sup>ORWELL, George. 1984. Tradução Alexandre Hubner, Heloísa Jahn; posfácios Erich Fromm, Bem Pimlott, Thomas Pynchon. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 89.

<sup>27</sup>FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

<sup>28</sup>Ibidem.

A liberdade dos *proletas* estava no slogan do *Partido*, “*proletas* e animais são livres”<sup>29</sup>. Essa comparação dos *proletas* com animais, retirava deles o direito a humanidade. Dessa forma, o *Partido* evoca entre seus integrantes a ideia de superioridade; o que viabiliza a realização de ações violentas ou o simples ato de esquecimento do Estado com essa parcela da população.

Hannah Arendt aponta que o totalitarismo tem como uma de suas características, subjugar outras raças, como é o caso do nazismo, em prol do poder total. Diante disso, a autora cita: “É da própria natureza dos regimes totalitários exigir o poder ilimitado. Esse poder só é conseguido se literalmente todos os homens, sem exceção, forem totalmente dominados em todos os aspectos da vida”<sup>30</sup>.

Neste momento, é interessante dialogar com a obra em análise, quanto à ideologia do *Partido*. Quando Winston Smith é preso e está sendo interrogado por *O’ Brien*, esse apresenta os reais propósitos do *Partido*:

O Partido deseja o poder exclusivamente em benefício próprio. Não estamos interessados no bem dos outros; só nos interessa o poder em si. Nem riqueza, nem luxo, nem vida longa, nem felicidade: só o poder pelo poder, poder puro. O que significa poder puro? Você vai aprender daqui a pouco. Somos diferentes de todas as oligarquias do passado porque sabemos muito bem o que estamos fazendo. Todos os outros, inclusive os que se pareciam conosco, eram covardes e hipócritas. Os nazistas alemães e os comunistas russos chegaram perto de nós em matéria de métodos, mas nunca tiveram a coragem de reconhecer as próprias motivações. Diziam, e talvez até acreditassem, que tinham tomado o poder contra a vontade e por um tempo limitado. E que na primeira esquina da história surgiria um paraíso em que todos os seres humanos seriam livres e iguais. Nós não somos assim. Sabemos que ninguém toma o poder com o objetivo de abandoná-lo. Poder não é um meio, mas um fim. Não se estabelece uma ditadura para proteger uma revolução. Faz-se a revolução para instalar a ditadura. O objetivo da perseguição é a perseguição. O objetivo da tortura é a tortura. O objetivo do poder é o poder.<sup>31</sup>

A partir do que foi exposto, *O’ Brien* revela as reais intenções do *Partido*, nas mais verdadeiras palavras. O *Partido* objetivava o poder total como fim e não como meio, não importava quem estivesse nesse meio. Também, o desejo do poder pelo

<sup>29</sup> ORWELL, George. 1984. Tradução Alexandre Hubner, Heloísa Jahn; posfácios Erich Fromm, Bem Pimlott, Thomas Pynchon. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 91.

<sup>30</sup> ARENDT, Hannah, 1906-1975. **Origens do totalitarismo**: Hannah Arendt; tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.499.

<sup>31</sup> ORWELL, George. 1984. Tradução Alexandre Hubner, Heloísa Jahn; posfácios Erich Fromm, Bem Pimlott, Thomas Pynchon. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 307-308.

poder falado por *O' Brien* é aplicável aos demais regimes totalitários conhecidos, alguns por ele exemplificados como “os nazistas alemães e os comunistas russos”<sup>32</sup>. Porém, segundo ele, não foram corajosos, pois, não reconheceram suas próprias motivações de poder, mas ficaram se acobertando, ao contrário do regime de *Oceania* que objetivavam assumidamente o poder.

Aliado as questões do movimento totalitário, Hannah Arendt<sup>33</sup> afirma que ele só é possível existir através das massas. As massas excluem seus individualismos, não tem mais seus interesses pessoais. Arendt cita que a massa é muito importante para o totalitarismo, pois é impulsionada pelo discurso do ditador. A autora aponta que *Hitler*<sup>34</sup> não implantaria um governo totalitário na Alemanha sem o apoio das massas. As massas pensavam como o seu ditador. Este exemplo também se adequa a *Stalin*<sup>35</sup> na União Soviética.

Hannah Arendt<sup>36</sup> diferencia as massas da *ralé*, esse último termo criado pela autora significa um grupo de cada classe social que possuem apreço pela violência. Pensa de forma individualista e tende a colocar a culpa no “outro” quando passa por uma situação de dificuldade. Não demonstra importância para com a política, apresenta um discurso antipartidário. Ao contrário da *ralé*, a massa não possui apreço pela violência que a *ralé* tem. Contudo, também compartilha do mesmo desinteresse político. A massa está em todas as camadas da sociedade. Caracteriza-se principalmente quando surge um discurso carismático demagogo, ela acaba aderindo a este discurso e ela passa a defendê-lo.

Dessa maneira, Orwell representa as massas no governo de *Oceania* pelas pessoas adeptas ao *Partido*, como aquelas que fazem parte da engrenagem do

---

<sup>32</sup> Idem, p.307.

<sup>33</sup> ARENDT, Hannah, 1906-1975. **Origens do totalitarismo**: Hannah Arendt; tradução Roberto Raposo. — São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

<sup>34</sup> Adolf Hitler foi um político e ditador que serviu como líder do Partido Nazista da Alemanha Nazista de 1934 até 1945. Como ditador foi essencial no incentivo a Segunda Guerra Mundial na Europa e figura central do Holocausto praticado nos campos de concentração, em que milhares pessoas foram assassinadas.

<sup>35</sup> Josef Stalin foi um político e ditador que governou a União Soviética, atuando de 1922 a 1953. Stalin implantou um regime totalitário, o stalinismo, que perseguiu e matou opositores e realizou transformações profundas na União Soviética.

<sup>36</sup> ARENDT, Hannah, 1906-1975. **Origens do totalitarismo**: Hannah Arendt; tradução Roberto Raposo. — São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

*Partido*. Elas contribuem de forma massiva, importante para sua formação e continuação, em especial, os membros do baixo escalão do *Partido*. Essa massa, se esforça todos os dias no trabalho, no dia a dia para adorar e servir ao *Grande Irmão*. Assim como, fazem dos dois minutos de ódio um momento de grande devoção ao *Grande Irmão*.

### 3 Transgressões e punições

Uma das consequências da disciplina é a mudança do comportamento das ações das pessoas que se modificam quando estão internalizando a possibilidade de estarem sendo vigiadas<sup>37</sup>. Neste sentido, os indivíduos de *Oceania*, tirando os *proletas*, eram vertiginosamente controlados e possuíam um comportamento enrijecido. Seus hábitos, comportamentos íntimos eram vigiados sob os holofotes do *Grande Irmão*. Como Smith descreve a seguir:

O membro do Partido vive do berço à cova, sob os olhos da Polícia do Pensamento. Mesmo quando está sozinho jamais pode ter certeza do seu isolamento. Onde quer que esteja dormindo ou acordado, trabalhando ou descansando, no banho ou na cama, pode ser examinado sem aviso e sem saber que o examinam. Nada do que ele faz é indiferente.<sup>38</sup>

Contudo, apesar dessa vigilância constante, era possível realizar transgressões no sistema. Smith realizou várias transgressões, dentre elas, começou a escrever em um diário. Embora não fosse algo ilegal, mas se soubessem provavelmente o levariam preso e seu destino era a morte ou trabalhos forçados.<sup>39</sup>

Mas, antes de utilizar um caderno como diário, Smith já havia praticado outras transgressões. O local que adquiriu o material de escrita era uma pequena loja afastada do centro da cidade, área dos *proletas*, onde Smith achou que estava longe da vigilância do *Grande Irmão*. O ato de escrever e deixar registrado seus

<sup>37</sup> LAIGNIER, Pablo e MARTINS, Sara. 1984: Arquetipo de Sociedade Espetacular Disciplinada Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010.**

<sup>38</sup> ORWELL, George. 1984. Tradução Alexandre Hubner, Heloísa Jahn; posfácios Erich Fromm, Bem Pimlott, Thomas Pynchon. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 202.

<sup>39</sup> Ibidem.

questionamentos sobre *Grande Irmão* foi um ato de grande transgressão e passível de punição, pois, seus escritos apontavam suas dúvidas, sobre as “verdades” contadas pelo *Partido* ao povo.

Winston Smith então chegou à conclusão que odiava o *Grande Irmão* e tudo que era relacionado a ele. Assim como, o desejo profundo por uma revolução. A sua esperança era que os *proletas* um dia se revoltassem e derrubassem o regime.

Outra transgressão do protagonista Smith foi o envolvimento amoroso com Júlia. Visto que, o amor e o prazer sexual eram proibidos entre os membros do *Partido*. A intenção era repelir qualquer desenvolvimento de laços afetivos e de lealdade que pudessem ocasionalmente fugir ao controle do *Partido*. Todos os casamentos entre os membros do *Partido* precisavam passar por uma aprovação de uma “comissão especialmente nomeada para este fim”.<sup>40</sup>

O casamento tinha um único objetivo, gerar filhos para servirem ao *Partido*. A relação sexual deveria ser vista “como uma operaçãozinha ligeiramente repulsiva, uma espécie de lavagem intestinal”. Aliado a isso, “o *Partido* tratava de aniquilar o impulso sexual e, não podendo aniquilá-lo, queria pelo menos distorcê-lo e aviltá-lo”<sup>41</sup>.

Contudo, ao mesmo tempo em que o *Partido* desestimulava a relação sexual entre membros do *Partido* com a finalidade de obtenção de prazer; estimulava a prostituição. Desde que os homens do *Partido* realizassem atos sexuais com mulheres *proletas*, “vendo nessa prática uma forma de dar vazão a impulsos que não podiam ser de todo suprimidos”<sup>42</sup>. Além disso:

A devassidão enquanto tal não preocupava muito, desde que fosse furtiva e sem alegria e envolvesse apenas mulheres necessitadas que não suscitassem senão desprezo. O crime imperdoável era a promiscuidade entre membros do *Partido*<sup>43</sup>.

No trecho supracitado deixa claro que era imperdoável a devassidão ou comportamento promíscuo entre membros do *Partido*. Porém, o *Partido* ao mesmo

<sup>40</sup> Ibidem.

<sup>41</sup> ORWELL, George. 1984. Tradução Alexandre Hubner, Heloísa Jahn; posfácios Erich Fromm, Bem Pimlott, Thomas Pynchon. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.84.

<sup>42</sup> Ibidem, p.83

<sup>43</sup> Ibidem.

tempo em que buscava reprimir os instintos sexuais de seus membros, entendia a necessidade de suprimir esses impulsos, com cautela fora do centro partidário de *Oceania*. São perceptíveis como o *Partido* enxerga com desprezo as mulheres *proletas* prostitutas, apenas como válvulas de escape para que os pudessem descarregar seus impulsos, mas “sem alegria”.<sup>44</sup>

Smith teve um encontro com uma prostituta uma vez, na área dos *proletas*, onde não havia teletelas por perto. Smith descreve que a maquiagem dela chamou sua atenção, devido à cor branca no rosto e o vermelho nos lábios, característico de mulheres que não eram integrantes do *Partido*. Ter relações sexuais com prostitutas era proibido, passível de punição, não de morte, mas ele percebia que, implicitamente, a prática também era estimulada pelo *Partido*.

As mulheres do *Partido* tinham um tratamento diferente. Começando pela sua educação, a castidade era vertiginosamente importante, tanto quanto os ideais de lealdade para com o *Partido*. De acordo com o narrador, isso se devia:

A um condicionamento cuidadoso, iniciado desde muito cedo, com jogos e água fria, com as porcarias que lhes vociferavam na escola, nos Espiões e na Liga da Juventude, com palestras, os desfiles, as canções, os slogans e a música marcial, todo sentimento natural fora arrancado delas<sup>45</sup>.

Winston Smith foi casado por quinze meses com uma mulher membro do *Partido*, Katharine. Devia fazer quase onze anos que os dois haviam se separado, nem Smith lembrava com clareza. Smith descreve Katharine como: “incapaz de formular um só pensamento que não fosse um slogan”<sup>46</sup>. O sexo no casamento era visto por Katharine como uma obrigação para dar filhos ao *Partido*, não havendo nenhuma outra razão para carícias ou toques, ela estava na relação sexual apenas submetendo-se. Contudo, o casamento não resultou em filhos e houve a separação. O divórcio não era permitido em *Oceania*, mas era estimulado pelo *Partido*, caso o casal não gerasse filhos.

---

<sup>44</sup> Ibidem.

<sup>45</sup> ORWELL, George. 1984. Tradução Alexandre Hubner, Heloísa Jahn; posfácios Erich Fromm, Bem Pimlott, Thomas Pynchon. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 86.

<sup>46</sup> Ibidem, p.85.



Interessante observar, como em uma sociedade controlada e ditada por regras, o Partido proibia muitas coisas, mas ao mesmo tempo as estimulava; como o sexo com prostitutas e o divórcio entre casais membros do *Partido*, caso não tivessem filhos. Coisas proibidas, mas existia também exceções às regras.

Nesse sentido, a disciplina segundo Foucault<sup>47</sup>, pretende domesticar mentes e corpos para a construção do poder, normalizando ações e seguindo particularidades para sua realização. Na obra, *1984* a disciplina proporcionada pelo *Partido* objetivava domesticar as mentes e os corpos dos cidadãos, através por exemplo, da repressão sexual. No caso, as mulheres do *Partido* eram ensinadas desde a infância como deveriam se portar diante da relação sexual, seu significado e importância para o regime.

Reich<sup>48</sup> aborda que sistemas como nazismo e o fascismo procuravam moldar os corpos e os desejos para reproduzir supostos valores das massas, produzindo pessoas oprimidas e subversivas, tanto politicamente, socialmente ou no âmbito sexual. Como resultado desses conjuntos de ações, seriam formados indivíduos com limitações de consciência crítica e reduzida autonomia para a elaboração de questionamentos. Reich<sup>49</sup> apresenta um cenário pertinente ao de *Oceania*, os indivíduos submetidos às regras do *Partido* não são questionadores das normas impostas. A relação sexual como forma de prazer pessoal não era discutida pela personagem Katharine, assim como não era questionada também por outros cidadãos, principalmente mulheres, as regras eram apenas obedecidas.

Além disso, o protagonista Smith se envolveu amorosamente com Júlia. Ambos trocavam informações, através de bilhetes em pequenos papéis, recados rápidos na cantina ou mesmo no meio da multidão reunida para não causar suspeitas. Informações de encontros às escondidas, primeiramente em lugar afastado da cidade, em uma área de floresta, conhecida por Júlia. Posteriormente Smith alugou um quarto na área do *proletas*, onde os encontros passaram a acontecer, na esperança de fugir da vigilância do *Grande Irmão*. Júlia também

<sup>47</sup> FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a Vontade de Saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

<sup>48</sup> REICH, Wilhelm. **A psicologia de massa do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

<sup>49</sup> Ibidem.

compartilhava da mesma visão de Smith sobre as farsas e falhas do Partido. Ambos burlaram regras do sistema.

Porém, não conseguiram escapar aos olhos vigilantes do *Grande Irmão*, pois o olho daquele que tudo vê os espreitava de longe e de todos os lugares. Houve transgressões ao sistema e também punições em decorrência delas. Não demorou muito para que os dois fossem capturados e levados para interrogatórios, torturas e reprogramados para amar fielmente ao *Grande Irmão*, para posteriormente serem colocados em sociedade novamente, e posteriormente serem eliminados da forma definitiva. Depois de torturas físicas e psicológicas, “Winston amava o *Grande Irmão*”.<sup>50</sup>

As torturas físicas e psicológicas aos transgressores eram realizadas no *Ministério do Amor*. Os mais resistentes eram torturados com algo que mais temiam, para tornarem-se perfeitos para o *Partido*. “Em si (...) a dor nunca é suficiente. Há ocasiões em que o ser humano resiste à dor, mesmo sob o risco de morte. Mas para todos há algo insuportável”<sup>51</sup>. Smith possuía pavor de ratos e isso foi usado contra ele. Enfim, ele sucumbiu ao *Grande Irmão*.

Dessa maneira, como aponta Foucault<sup>52</sup>, todo poder é passível de transgressões. O poder não é sólido para Foucault. Observando a representação desse poder na obra *1984*, mesmo com as regras de vigilância e a disciplina impostas, Winston e Júlia transgrediram ao poder. Também, não foram os primeiros a serem pegos pelo *Partido* e nem os últimos dentro desse regime representado por Orwell.

A resistência é inerente ao poder. Diante dos regimes que já houveram na história, a resistência esteve presente. Mesmo em menor número e passando por retaliações. Pensar é um ato de poder, mesmo que solitário, pois como foi citado pelo personagem Smith, o pensamento crime é “o crime essencial que engloba

<sup>50</sup> ORWELL, George. **1984**. Tradução Alexandre Hubner, Heloísa Jahn; posfácios Erich Fromm, Bem Pimlott, Thomas Pynchon. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 346.

<sup>51</sup> ORWELL, George. **1984**. Tradução Alexandre Hubner, Heloísa Jahn; posfácios Erich Fromm, Bem Pimlott, Thomas Pynchon. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 275.

<sup>52</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

todos os outros”<sup>53</sup>, mas é através dele que pode começar uma revolução e um processo de mudança em relação a um sistema opressor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer uma análise sobre a vigilância, controle e sociedade disciplinar na obra *1984* de George Orwell exigiu cautela e discernimento, pois é uma obra literária distópica que requiriu cuidados em seus conceitos e nas abordagens da sua ficção. George Orwell consegue ao longo da sua obra exprimir conceitos em forma de sátiras, situações diárias sobre vigilância, o controle e a sociedade disciplinar.

A vigilância utilizada pelo *Partido* é um meio para se obter o controle das pessoas e assim o poder sobre elas. A vigilância está tão intrínseca na sociedade de *Oceania* que faz parte dela, as próprias pessoas fazem o papel de vigiar umas às outras, poupando em parte o papel do *Partido*. A desconfiança entre as pessoas impedia que se criasse um vínculo de confiança, dificultando qualquer revolta, o que fortalecia cada vez mais a estrutura social do sistema.

Ao ler *1984* tem-se a percepção que George Orwell acreditava que um dia a distopia contida no seu livro pudesse de fato, tornar-se realidade. Orwell representa na sua obra, através da sua narrativa, mesmo sendo uma distopia, partes de realidades políticas e sociais de caráter autoritário que de fato existiram. Orwell representa não apenas o sistema do totalitarismo, mas a sociedade e suas estruturas, sua massa, os modos de se comportar, os medos e angústias.

Quando John Stuart Mill utilizou o termo distopia no Parlamento Britânico, tinha por finalidade encontrar um termo que fosse contrário ao de utopia, algo que para ele era impossível de ser alcançado. A utopia negativa ou distopia veio como contraponto a uma sociedade ou lugar perfeito. A sociedade distópica criada por Orwell poderia ser perfeita para o *Grande Irmão*, caso, não houvessem personagens pensantes e questionados como Winston e Júlia. A obra *1984*, configura-se ela

---

<sup>53</sup> ORWELL, George. 1984. Tradução Alexandre Hubner, Heloísa Jahn; posfácios Erich Fromm, Bem Pimlott, Thomas Pynchon. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 29.

própria como um instrumento capaz de provocar reflexões e questionamentos sobre regimes políticos totalitários e a perspectiva do ser humano de viver com liberdade para pensar, sentir e expressar-se no mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a Vontade de Saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

LAIGNIER, Pablo e MARTINS, Sara. 1984: Arquétipo de Sociedade Espetacular Disciplinada Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010**.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

ORWELL, George. **1984**. Tradução Alexandre Hubner, Heloísa Jahn; posfácios Erich Fromm, Bem Pimlott, Thomas Pynchon. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

REICH, Wilhelm. **A psicologia de massa do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VICENTE, José João Neves Barbosa. As ideias políticas de Rousseau e o totalitarismo. **Contextura**, Belo Horizonte, número 15, p. 39-46. 2020.